

RESUMO - SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

EU NÃO FALO ASSIM, NÃO. FALA SIM! UM OLHAR PARA A PALATALIZAÇÃO PROGRESSIVA

Geicilayne Tavares Pelayes (geicilaynepelayes@gmail.com)

Elyne Giselle De Santana Lima Aguiar Vitória (elyne.vitorio@fale.ufal.br)

Este trabalho tem como objetivo investigar os processos fonético/fonológicos da palatalização das oclusivas alveolares em contexto fonológico progressivo produzidos no Português Brasileiro falado em Santana do Ipanema, interior de Alagoas, sob a ótica da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]), fazendo a contraposição dos dados de produção e percepção linguística nesta localidade. Para tanto, contrapomos os dados linguísticos coletados com variáveis externas (idade, sexo, escolaridade e estilo) e internas (contexto anterior, contexto seguinte, tonicidade, tamanho da palavra, sonoridade e fronteira lexical), a fim de identificar quais fatores favorecem ou inibem tal processo. Ao passo que contrapomos tais dados de produção linguística aos resultados dos testes de percepção aplicados aos mesmos colaboradores. A pesquisa busca analisar os processos de palatalização em contexto fonológico progressivo, visto que a produção do fenômeno, nesse contexto, é mais acentuada na região estudada (SANTOS, 1996; OLIVEIRA, 2017; OLIVEIRA;OLIVEIRA, 2021; PELAYES, 2022; DE PAULA; PELAYES, 2023).

Nesta cidade, o uso mais recorrente é o da palatalização progressiva, em que o elemento fonológico que dispara o processo está localizado em posição anterior às oclusivas alveolares, em palavras como “gos[t?]o” e “doi[d?]o”. No que refere ao status social da palatalização progressiva, pesquisas anteriores no estado (VITÓRIO, 2020; OLIVEIRA; FALCÃO, 2023) apontam para um estigma social atrelado à variante palatalizada. A coleta de dados de produção se deu por meio de entrevistas semiestruturadas do tipo história de vida e da leitura de palavras. Já os testes de percepção foram feitos a partir da técnica Verbal guise (GILES, 1970; FREITAG et al, 2016), através de um formulário online produzido no Google Forms e aplicado presencialmente aos participantes, o qual avalia atributos como: beleza, inteligência, seriedade, conservadorismo, formalidade, entre outros. A amostra foi composta por 16 colaboradores santanenses estratificados em sexo (masculino e feminino); idade, dividida em dois grupos (18 a 50 anos e mais de 55 anos) e escolaridade, dividida em dois grupos (menos de 9 anos e mais de 11 anos). A análise estatística foi feita a partir do Software R. Após as análises, verificamos um maior favorecimento de aplicação da regra de palatalização em estilo mais monitorado advindo das mulheres menos escolarizadas, que em sua maioria, nunca trabalharam, o que nos leva a inferir que sua produtividade sofre menos pressão social em função da norma (cf. BORTONI-RICARDO, 1985). Corroborando com pesquisas anteriores, a palatalização progressiva é avaliada negativamente, o que indica uma desvalorização social em relação à produção palatalizada. Apesar de 93,75%, ou seja, 15 pessoas afirmarem que não fazem uso da variante palatalizada, obtivemos um percentual de aplicação da regra de 14,72%, o que aponta para a inconsciência de uso e a consciência de valoração no que diz respeito à variante palatalizada.

Palavras-chave: sociolinguística variacionista; palatalização progressiva; percepção linguística.